

EM NOME DA VIOLÊNCIA: UMA LEITURA DE NATALINA SOLEDAD, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

IN THE NAME OF VIOLENCE: A READING OF NATALINA SOLEDAD, BY
CONCEIÇÃO EVARISTO

Ana Carla da Silva Lima⁶⁵

Henrique Furtado de Melo⁶⁶

RESUMO: Este trabalho tem como foco traçar reflexões em torno da violência como fator importante na leitura do conto “Natalina Soledad”, de Conceição Evaristo, publicado no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). Por meio da linguagem a protagonista exerce um movimento importante de resistência frente às violências que sofre ao longo principalmente da infância e adolescência. As dores, rejeições, a miséria, o racismo, machismo, etc. são temas recorrentes na obra de Evaristo, nesse sentido torna-se interessante buscarmos caminhos de compreensão do lugar e do papel que a violência ocupa na escrevivência evaristiana. Num primeiro momento este artigo persegue algumas ideias relacionadas ao conceito de escrevivência e a sua relação com a violência e a resistência de sujeitos em situações críticas. Após esse percurso inicial, partimos para uma análise do conto selecionado, buscando compreendê-lo como exemplo interessante do papel da linguagem nas relações de violência e resistência que se estabelecem na vida de Natalina Soledad, bem como na narrativa em si, recontada pela narradora-ouvinte que costura as histórias do livro. Como bases fundamentais de nosso trabalho, trazemos o materialismo lacaniano de Slavoj Žižek e os ensaios de Conceição Evaristo a respeito do conceito de escrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Violência; Resistência; Materialismo Lacaniano.

ABSTRACT: This article seeks to draw reflections about the violence as an important factor in the read of the short story “Natalina Soledad”, by Conceição Evaristo, published on the book *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). By the language the protagonist exerts an important movement of resistance against violence that she suffers mostly over childhood and adolescence. The pain, rejections, misery, racism, machism, etc. are recurrent themes on Evaristo’s work, in this sense becomes important look for means of understanding the place and

⁶⁵ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Londrina - Brasil. E-mail: anacsslima@gmail.com

⁶⁶ Doutorando em Letras na Universidade Estadual de Londrina - Brasil. Bolsista Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: furtado.henrique@live.com

the role that violence occupies on evaristians writing. In a first moment this article chases some ideas related to the concept of writing and its relation with violence and the resistance of the subjects in critical situations. After this initial course, we go to the analysis of the selected short story, seeking to understand it as an important example of the role of language in relations of violence and resistance that are established in Natalina Soledad's life, as well as in the narrative itself, retold by the storyteller who sews the stories of the book. As fundamental basis of our article, we used the lacanian materialism of Slavoj Žižek and the essays of Conceição Evaristo about the concept of *escrevivência*.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; Violence; Resistance; Lacanian Materialism.

1. A LITERATURA NEGRA CONSTRUÍDA POR CONCEIÇÃO EVARISTO

Nascida no ano de 1946, na capital do estado de Minas Gerais, Conceição Evaristo é um nome de destaque e de relevância no cenário da literatura brasileira, tais aspectos se expandem até o cenário exterior conforme suas obras são postas à tradução - como é o caso dos seus três últimos livros, que ganharam tradução e distribuição para a língua francesa. Nesse sentido, suas obras já ganharam o enfoque dos estudos acadêmicos, tanto no Brasil quanto no exterior. Além dessa visibilidade já conquistada, a autora mineira conta com uma massiva campanha online de divulgação da sua obra e com petições de abaixo-assinado para que lhe seja concedida a cadeira de número 7 da Academia Brasileira de Letras. É redundante a inferência machista e racista que permeia as decisões da ABL, caso aceita, Conceição Evaristo será a décima mulher a ocupar uma cadeira, e a primeira mulher negra na história da instituição - fundada em 1897.

O conceito de uma literatura afro-brasileira ainda parece ser uma questão que resvala em critérios de críticas acadêmicas, no argumento da universalidade da arte e na identificação dos próprios autores afrodescendentes, alcançando discussões até à ideia de reconhecer-se pertencente a essa representação.

Em um movimento metalinguístico, sob uma perspectiva metafórica do eterno retorno, a escritora consegue pensar em implicações estéticas e ideológicas no processo de produção das obras, enquanto fora da ficção

discorre sobre os mesmos, refletindo sobre a própria criação. Retirado de um texto de cunho científico da autora, o excerto a seguir deixa evidente,

As discussões em torno do tema têm me envolvido como escritora e como pesquisadora. E a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina. (EVARISTO, 2008b, p. 8)

Além disso, ao tratar da própria escrita literária, a escritora pontua que se torna incompatível com a crença em desvencilhar a sua subjetividade de um “corpo-mulher-negra” com a construção de sua criação literária. Ressalta, ainda, a interdição constante a que o corpo negro é aprisionado pelo (superficialmente) extinto sistema de escravidão. Assim, a sua produção cultural molda uma forma de resistência, na polissemia da voz negra: dos personagens retratados em suas narrativas, da sua insistência em se colocar como uma escritora negra, da sua posição de crítica. Com isso, a escritora consegue dar voz a quem foi socialmente oprimido, e por consequência ignorado da historiografia literária, seja em termos de autoria ou de representação. A distribuição editorial das obras ficcionais de Evaristo também demonstra uma preocupação com a ampliação da diversidade no que se refere aos eixos sociais que são negligenciados pelas *grandes* editoras, se autoafirmando como literatura de autoria feminina negra.

A obra literária de Conceição Evaristo percorre a prosa e a poesia – assim como entrelinhas existentes entre ambas. O tom lírico com o qual a narrativa é construída possui o efeito de sobrepor as denúncias ali presentes e amplificá-las pela sensibilidade com que o Outro é tratado. Exemplo disso é o livro do qual este artigo empresta o *corpus* para análise. Publicado em 2011, *Insubmissas lágrimas de mulheres* é um livro de contos que não são tão-contos assim. Há, sim, uma ficha catalográfica que nos indica o gênero, assim como uma separação dentro da obra. O que não há é o desvencilhamento das histórias, que são

interligadas pela temática e pela origem que possuem. Na temática porque são histórias de mulheres, e na origem porque essas mulheres se propuseram a contar de si a uma mesma ouvinte, permitindo a soma das histórias e das vivências, que se (con)fundem. A cada mulher, um conto. Ao final de todos, um coro.

2. A INSISTÊNCIA NA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Numa espécie de prefácio que antecede o primeiro conto, temos um breve aviso da narradora em relação à construção que se segue. Em primeira pessoa, a narradora deixa clara a fusão das histórias, as que lhe são compartilhadas com as que lhe pertence o engate. Desse movimento de associação e assimilação, surge um traço da escrevivência. O conceito e a prática tomaram forma, assumidamente, por Conceição Evaristo. Em declarações públicas, entrevistas e artigos, a autora pontua o elo da sua escrita com a sua vivência, explorados em matéria literária.

Em uma de suas falas, registrada em seu blog “Nossa escrevivência” a autora explora relações entre a origem de seus escritos e o traço da mãe, uma escrita que risca, antes de páginas e livros, a vida. Sua mãe trabalhava lavando roupas. Quando chovia demais, os varais permaneciam cheios de peças molhadas de clientes, e medos de que alguma coisa mofasse. Evaristo conta que a mãe desenhava um sol no chão, com um graveto, simpatia para que a chuva fosse embora, e:

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. [...] Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí,

talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? (EVARISTO, 2016).

A dor e a privação vêm como fontes insistentes de uma necessidade de escrever. Escrever a vida e recriá-la, aglutinada de histórias e vozes, escrever. Desenhar um sol no chão para abrir o céu e secar o mofo das preocupações, desenhar narrativas e poemas para secar o silêncio das privações e o sufocamento das “vozes mudas/ caladas nas gargantas” (EVARISTO, 2008a, p. 10). Escrever é um modo de ferir o silêncio imposto, diz Evaristo em outro de seus ensaios (EVARISTO, 2005).

E há ainda um outro (des)comprometimento. A autora relembra a infância, quando, de olhos de fechados, escrevia no corpo da noite. Fingindo dormir, ouvia as histórias dos adultos e acumulava em si as vozes (EVARISTO, 2016). Semelhante ao que diz Maria-Nova, protagonista de seu romance *Becos da Memória* (EVARISTO, 2013): homens, mulheres e crianças se amontam dentro desse corpo que escreve (2013, p. 30). Tomando em si essas vozes caladas, das periferias sociais, do povo negro, das mulheres, a escrevivência reconta, reescreve, ressignifica narrativas de vida.

Mas a memória falha, característica marcante das narrativas orais que, como escreve Benjamin em seu célebre texto *O Narrador* (1987), constroem-se acumulando filtros e filtros de memórias, quem conta um conto aumenta um ponto. A cada recontar a falha da memória do narrador abre um buraco por onde entra o próprio sujeito que narra, deixando sua marca na história “a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205):

Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. **Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta.** O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao

registrar essas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p. 09, grifos nossos)

É no fosso entre o vivido e o narrado, aprofundado pelas falhas da memória e pelo (des)comprometimento, que se abrem as possibilidades, potências criativas. É nesse campo, que nasce a função da escrita (escrevivência) recriadora da vida, que ajuda a suportar as dores e violências.

Ao pensarmos em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, as metáforas presentes no título podem funcionar como um fio de condução da obra, todos os contos possuem pontos de violência e opressão sobre as mulheres protagonistas, que subvertem o ar viciado de suas redomas da melhor maneira que podem. Ao lado disso o recontar das histórias pela narradora viajante traz ainda mais potência a essas forças de subversão do ar que as violenta.

Em uma breve sumarização, propomos, aqui, as configurações de violência que são apresentadas por cada mulher, em cada um dos contos.

Aramides Florença: Estupro;

Natalina Soledad: Misoginia;

Shirley Paixão: Estupro de vulnerável;

Adelha Santana Limoeiro: Machismo;

Maria do Rosário Imaculada dos Santos: Racismo e sequestro;

Isaltina Campo Belo: Lesbofobia e estupro;

Mary Benedita⁶⁷.

Mirtes Aparecida Daluz: Suicídio;

Libia Moirã: Maltrato infantil e trauma;

Lia Gabriel: Espancamento e misoginia;

Rose Dusreis: Racismo;

⁶⁷ Neste caso, os indícios de violência que são apresentados partem da automutilação da protagonista como um símbolo de potência criativa para a personagem Mary Benedita, que é pintora e discorre sobre a sua experiência e sua relação com a arte.

Saura Benevides Amarantino: Maltrato infantil;

Regina Anástacia: Racismo.

Em suma, o traço da violência percorre todas as histórias. Desprovidas de marcações acadêmicas que as indiquem ficcionais, a insubmissão escorre junto às lágrimas [do título] como efeito da resistência. As histórias da obra são compostas por violências, mas elas não são aprisionadas na ficção.

A recorrência da violência e opressão contra a mulher na obra aponta para dois sintomas quase-que-exteriores mas ainda pertinentes: o primeiro é a banalização da violência, porque não podemos deixar de interpretar que essa recorrência é fruto de um silenciamento exterior. Os outros grupos da sociedade não estão falando sobre isso e nem querem escutar, portanto estabelecem uma espécie de pacto de amortecimento dos atos e dos atuantes.

O segundo sintoma é a insensibilidade por parte daqueles que não são afetados, não sentem no corpo e pelo corpo essa rede de opressões que se encontra velada, mas que não deixa de ser imposta pela sociedade. Diante disso, é possível aproximar esses argumentos da fala da autora pelo seguinte trecho,

Eu sou uma escritora brasileira, mas não somente. A minha condição de brasileira agrega outras identidades que me diferenciam: a de mulher, a de negra, a de oriunda das classes populares e outras ainda, condições que marcam, que orientam a minha escrita, consciente e inconscientemente [...] a minha experiência pessoal influencia a minha escrita conduzindo o ponto de vista, a perspectiva, o olhar que habita em meu texto. Será que alguém escreve o texto do outro? (DUARTE; LOPES, 2011, p. 115)

Na contramão da banalização e da insensibilidade, a obra é carregada de subjetividade, tanto no sentido da escrevivência ali presente, quanto no sentido da humanização que proporciona. Nessa linha, Antonio Candido (1989) propõe o papel e a função humanizadora da literatura, porque “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (p. 112). A literatura não é uma experiência

inofensiva, e quando alicerçada em problemas de urgência social, ela pode vir a ser – e no caso de Conceição Evaristo, ela é - “a força indiscriminada e poderosa da própria realidade” (CANDIDO, 1989, p. 113).

Eduardo Assis Duarte (2016) aponta a constância em que a violência ressoa na literatura de Conceição Evaristo, e o que ela pode vir a significar: visibilidade e resistência. Uma forma de viabilizar que essa violência seja notada, permitindo, ainda, que o protagonismo feminino seja tematizado como fonte de resistência - esse protagonismo é projetado nas vozes que permeiam a obra.

Ainda com isto posto, a temática bruta não engessa a linguagem, há “a mesclagem de violência e sentimento, de realismo cru e ternura” (DUARTE; LOPES, 2008, p. 03). Ao tratar desse aspecto na constância da autora, Duarte (2006) aponta que,

O conto de Conceição Evaristo, mesmo sem abrir mão de cenas pungentes e de grande impacto, envolve-as numa linguagem marcada por tonalidades poéticas, em que há lugar para o sentimento e para a humanidade, tanto das vítimas quanto de seus carrascos (DUARTE, 2006, p. 27)

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* percebemos o emprego estético e ideológico da escrevivência, a violência ali representada tem como laço – ou nó, a violência, específica, contra as mulheres. Para este trabalho, o cotejo com a obra pede um recorte para a pretendida análise-interpretativa, portanto, emprestamos a história de Natalina Soledad. Tencionamos, ainda, aproximar essa análise com a tipologia da violência proposta por Slavoj Žižek, em sua obra *Violência: seis reflexões laterais*, publicada em 2014.

3. NATALINA SOLEDAD: OS CONTORNOS DA VIOLÊNCIA, POR SLAVOJ ŽIŽEK

É em *Violência: seis reflexões laterais*, que o filósofo esloveno conceitua os diferentes tipos de violência que constituem a sociedade. De acordo com os

postulados de Slavoj Žižek (2014), essa teoria da violência é composta por três contornos: a violência subjetiva, a objetiva (ou sistêmica), e a simbólica.

A violência subjetiva é a manifestação concreta, condiz com a violência física e direta, que pode ser identificada facilmente em nosso cotidiano, a sua manifestação se dá desde uma briga até o extermínio em massa. No conto de enfoque deste trabalho, a violência “visível” aos nossos olhos se dá de maneira muito mais psicológica, do que, efetivamente física, por isso, não é passível de aproximação com essa manifestação de violência. Entretanto, os outros dois tipos de violência podem ser assimilados.

Segundo Žižek (2014), a violência objetiva ou sistêmica é “inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que *sustentam as relações de dominação* e de exploração” (ŽIŽEK, 2014, p. 24, grifos nossos).

Considerando a conceituação exposta, e os termos em destaque, é viável pensarmos na instituição familiar como uma estrutura sistêmica que comporta determinadas relações de dominação. Por exemplo, dos pais para com os filhos, e do marido para com a mulher. Essas relações de dominação têm a sua base em uma sociedade historicamente patriarcal, que, ainda na contemporaneidade, sofre com os fortes traços do machismo, desde as posições de poder que são minimamente ocupadas por mulheres ou em relações abusivas que oprimem a mulher.

E por último, continuando o desenvolvimento de sua teoria e/ou tipologia, de maneira sucinta, Žižek afirma que a violência simbólica está “encarnada na linguagem e suas formas”. (ŽIŽEK, 2014, p. 17).

É razoável pensarmos na relação dos dois últimos tipos de violência no conto “Natalina Soledad”, pois a protagonista é rejeitada por sua família por nascer mulher e punida por isso ao ser nomeada.

Resguardados por essa base de poder, é na família que se começa o desdobramento misógino pelo qual a protagonista é absorvida. Vítima antes

mesmo de existir, a menina foi nomeada, por seus pais, Troçoieia Malvina Silveira, como castigo por nascer mulher. O pai com raiva por essa “mancha” em sua família, e a mãe por culpabilizar a filha pela violência sofrida.

À menina foi negado, desde o início, o lugar de filha no espaço familiar, e ainda, um passo atrás, foi negado mesmo um lugar de humanidade, dado que foi equiparada a um troço, uma coisa. A escola a recebeu também com hostilidade e “Dentro de casa, muitas vezes, tateava o espaço como se estivesse no escuro, ou melhor, no escuro estava, pois andava de olhos fechados quando percebia qualquer proximidade dos dois [o pai e a mãe]” (EVARISTO, 2011, p. 22). Caminhar no escuro, andar sem saber onde pisa, perda num não-espaço. A menina foi posta num não-lugar.

Em meio à rejeição, a menina crescia, e ao passar do tempo ficava cada vez mais parecida com o pai, o que o deixava infeliz e envergonhado. Ressaltamos, também, o fato de que no decorrer de sua vida as pessoas tentavam “aliviar” o nome a chamando pelo apelido de “Silveirinha”, mas a menina o rejeitava e fazia questão de ser chamada por seu nome completo.

Com isso, podemos interpretar dois pontos, o primeiro é de que a imposição de um nome que lhe causaria vergonha foi uma manifestação da violência objetiva da instituição familiar sobre a menina, e segundo, é o ponto de que ao assumir esse nome, a menina consegue subverte-lo e resistir nessa relação de poder. Podemos, ainda, assimilar esse ato de imposição da violência pela linguagem com o que Žižek aponta sobre a violência simbólica, pois,

[...] não está em ação apenas nos casos evidentes — e largamente estudados — de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de *violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido*. (ŽIŽEK, 2014, p.17, grifos nossos).

O conto explora os dois nascimentos de Natalina Soledad e a trajetória que a personagem percorreu de um universo de sentido a outro. Nesse conto, é possível percebermos a misoginia sofrida pela personagem, mas velada pela instituição familiar patriarcal em meio a uma sociedade machista. Com isso, é plausível aproximarmos esse véu que a instituição familiar representa ao que Žižek considera como sintoma da violência objetiva, pois “A violência objetiva é uma violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento” (ŽIŽEK, 2014, p. 18). Afinal, a primeira rejeição e violência exercida sobre a vida da menina é provida pelo seu pai e justificada pelo seu gênero.

O homem, garboso de sua masculinidade, que, a seu ver, ficava comprovada a cada filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que seu sétimo rebento era uma menina. Como podia ser? – pensava ele. De sua rija vara só saía varão! (EVARISTO, 2011, p. 20).

Com esse trecho, há, também, a inferência de que a sociedade patriarcal comprimiu a identidade de Natalina por nascer mulher, e a instituição familiar a qual estava incluída a via como uma falha dentre os sucessos de seus herdeiros homens. O conto reflete como a violência estrutural do machismo infiltra as relações dos seres humanos, no caso de Natalina, essa violência atua em conjunto da ação de apagamento, que nesse caso, partiu da relação de seus familiares com ela.

Talvez, seja possível pensarmos no papel que a pressão externa exerce nessas atitudes, porque em seguida, a narradora dá voz ao pai de Natalina que começa a se questionar, no sentido de procurar o erro que gerou uma filha mulher, pois seus antecessores não lidaram com esse “problema”. Mas a pressão externa, ou a expectativa de manter uma “reputação” é, possivelmente, um fator

que contribui pro descaso dirigido à existência da filha, essa divagação fica evidente nos seguintes trechos,

A façanha de conceber filhos machos [...] Traição de seu corpo? Ou, quem sabe do corpo de sua mulher? Traição, traição de primeira! De seu corpo não podia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina (p. 20).

A figura paterna do conto assume o nascimento de uma filha mulher como um “erro”⁶⁸, sendo assim, ele passa a procurar culpados, se isentando de qualquer participação de responsabilidade, ele culpa sua esposa e a pune juntamente com sua filha.

Deixou de se aproximar da mulher, tomou nojo do corpo desobediente dela, do corpo traidor de sua esposa. E Maria Anita Silveira, entre lamentos e desejos, mal amamentou a criança. Descuidou-se propositalmente dela e até concordou que o pai nomeasse a filha Troçoleia Malvina Silveira. [...] A coisa só pedia e merecia o esquecimento, a mãe também (EVARISTO, 2011, p. 21).

Rejeitada e lançada à solidão, ao longo de sua vida, a menina se apegou a funcionários da casa que a tratavam minimamente bem. Foi, de todos os modos possíveis, ignorada e oprimida por sua família, mas sempre fez questão de que a chamassem por seu nome, ato de resistência a quem, a contragosto de sua família, sobrevive. Com isso, Natalina

Tinha um só propósito. Um grande propósito. Inventar para si outro nome. E, para criar outro nome, para se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar, esfarinhar aquele que haviam lhe imposto. [...] Só o único desejo a perseguia: o de se rebatizar, o de se autoneamar (EVARISTO, 2011, p. 24).

⁶⁸ Esse é o único motivo pelo qual estamos tratando da existência de Natalina Soledad com tais termos.

Deleuze e Guattari (2003), em *Kafka – para uma literatura menor* trazem um exemplo interessante nesse caminho:

As crianças são bastante hábeis no seguinte exercício: repetir uma palavra cujo sentido é apenas vagamente pressentido, com o fim de fazê-la vibrar sobre si própria (no início do *Castelo*, as crianças da escola falam tão depressa que não se compreende o que dizem). Kafka conta como repetia, em criança, uma expressão do pai para fazer-lhe atingir uma linha de *non-sens*: «fim do mês, fim do mês ... ». O nome próprio, que em si não tem sentido, é particularmente propício a este exercício (DELEUZE & GUATTARI, 2003, p. 46).

Natalina mastiga as letras, faz com que o mundo repita e repita os sons daquele nome-insulto até que o significante seja deglutido, transformado, destruído, tornado insignificante. Essa forma de se autonegociar da protagonista pode ser interpretada de diversas maneiras, mas a que acolhe as demais, é a da emancipação. A de lidar com a existência enquanto sujeito de sua própria história, se desvincilhando do nome e sobrenome que lhe impuseram, Natalina coloca a sua esfera individual à disposição no cenário de resistência. Nesse sentido, conseguimos aproximar essa postura ao que Alain Touraine (2006, p. 123 apud LACERDA; VERONESE, 2011, p. 422) aponta ao tratar da tênue linha entre o indivíduo e o sujeito,

Só nos tornamos plenamente sujeitos quando aceitamos como nosso ideal reconhecer-nos e fazer-nos reconhecer enquanto indivíduos – como seres individuados, que defendem e constroem sua singularidade, e dando, através de nossos atos de resistência um sentido a nossa existência (2006, p. 123 apud LACERDA; VERONESE, 2011, p. 422).

Sendo assim, ao final, quando seus pais morrem, a protagonista resolve se livrar do nome que foi imposto, “rumou para o cartório para se despir do nome e da condição antiga [...] a mulher que escolhera seu próprio nome.” (EVARISTO, 2011, p. 24). Natalina Soledad é autonegociada.

Natalina Soledad, a mulher que havia criado o seu próprio nome, provocou o meu desejo de escuta, justamente pelo fato de ela ter conseguido se autoneamar. Depois de petições e justificativas, ela conseguiu se desfazer do nome anterior, aquele do batismo e do registro, para conceber um outro nome para si [...] e a partir desse feito, Natalina Soledad começou a narração de sua história, para quem quisesse escutá-la. (EVARISTO, 2011, p. 19)

Talvez, escreve Zilá Bernd (1988), uma das maiores características da literatura negra seja:

[...] aquela ligada aos procedimentos de (re)nomeação do mundo circundante. Ora, nomear equivale a tomar posse do que foi nomeado. Em certa medida, a função da crítica também é nomear: tornando visíveis as descobertas feitas pelos autores que os críticos as transformam em história da arte ou, melhor, as legitimam. Assim, ao referendar uma expressão reivindicada pelos autores, a crítica está atuando como instância legitimadora dessa produção literária (BERND, 1988, p. 20-21).

E, destacamos, essa renomeação também se reflete sobre os nomes próprios. Lembremos de *Ponciá Vicêncio* (EVARISTO, 2006), romance de Conceição Evaristo em que a protagonista chama seu próprio nome em frente ao espelho, chama sem ouvir resposta. “Vicêncio”, o sobrenome é como marca à ferro quente no gado, nome do dono que passa a ser sobrenome dos escravizados.

É preciso destruir o significante, renomear o mundo e a si mesma. Nasceu duas vezes, Natalina Soledad: a primeira, sozinha; a segunda, mulher de si, justamente pela emancipação e validação que se autoneamar proporcionou. Nascida sozinha é o significado de seu novo nome, o que corresponde com um dos aspectos que constituem a sua identidade, a da solidão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi possível perceber que a violência é uma das esferas temáticas constitutivas da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de

Conceição Evaristo. Com o recorte feito, tanto do *corpus* quanto do tema, conseguimos aproximar e tentamos estabelecer relações entre as camadas do conto com a teoria da violência de Slavoj Žižek. Durante a análise, a nossa interpretação pendeu e se atentou para a condição da protagonista, considerando as violências que a enredam.

No mais e ao fim, a insubmissão de Natalina Soledad foi junto a linguagem - “o primeiro e maior fator de divisão entre nós (ŽIŽEK, 2014, p. p. 63), e exatamente a chave que fere o silêncio imposto (EVARISTO, 2005), que resiste, no centro da **escrevivência** de Conceição Evaristo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CANDIDO, Antonio. *Direitos Humanos e literatura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka – para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

DUARTE, E. A. Rubem Fonseca e conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência. In: Cecil Jeanine Albert Zinani; Salete Rosa Pezzi dos Santos. (Org.). *Trajetórias de literatura e gênero*. 1ªed. Caxias do Sul: EDUCS, 2016, v. 1, p. 25-36.

DUARTE, E. A.; FONSECA, M. N. S. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. V. 4 ? História, teoria, polêmica. 1ª. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 1. 420p.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, N. M. de B. M. L. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008a.

_____. Escrevivências da Afro-Brasilidade: história e memória. *Releitura* (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008b.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. *Becos da Memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013.

_____. *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*. Disponível em:

<<http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

LACERDA, L. F. B.; VERONESE, M. V. O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alan Touraine. *Sociedade e Cultura* (Impresso), v. 14, p. 419-426, 2011.

LOPES, E. A.; DUARTE, E. A. *Conceição Evaristo: literatura e identidade*, 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica>>.

Acessado em: 17 de jun, 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Recebido em 22/10/2018.

Aceito em 08/01/2019.